

FREI BETTO

fome de
DEUS
fé e espiritualidade no mundo atual

PA
RA
L
E

Copyright © 2013 by Frei Betto

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Rodrigo Maroja

PREPARAÇÃO Tullio Kawata

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS Maria Helena Guimarães Pereira

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Betto, Frei, 1944-

Fome de Deus / Frei Betto. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Bibliografia.

ISBN 978-85-65530-42-2

1. Amor 2. Busca de Deus 3. Espiritualidade 4. Fé
5. Vida espiritual. I. Título.

13-08937

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritualidade : Cristianismo 248.4

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

Sumário

PARTE 1: QUESTÕES DA ESPIRITUALIDADE

Entre a cruz e o pão.....	13
O que é espiritualidade	17
Método de oração	25
Arte da meditação.....	29
Amizade olímpica	31
Amar o próximo.....	35
Deus, a questão.....	39

PARTE 2: DEUS E A MODERNIDADE

Fome de Deus	45
Deus não tem religião.....	47
Nietzsche: a morte de Deus e a vitória da exclusão	51

Diálogo entre ciência e fé.....	55
Teologia e modernidade.....	59
Fome de pão e de beleza.....	63
Espiritualidade pós-moderna	65
O corpo	69
O ovo e a galinha.....	71
Das igrejas aos bancos.....	75
Esperança como atitude crítica.....	79
A festa da carne	83
Pecados capitais & viagens interiores.....	85
A ótica míope do fundamentalismo.....	87
Pelo lado avesso	91
Jardim: o pão e a paz	95
Entre Papai Noel e o Menino Jesus.....	97
Faz escuro e eu só rezo?	101
Aplacar a dor	105

PARTE 3: LÍDERES ESPIRITUAIS

Um homem chamado Francisco.....	111
Maria Madalena	113
Paulo, o apóstolo	117
Atualidade de são João da Cruz	123

A sedução de Teresa	127
Mestres espirituais	131

PARTE 4: RELIGIÃO E AMOR

O amor como critério moral	137
----------------------------------	-----

Deus como caso de amor	151
------------------------------	-----

Referências bibliográficas.....	167
---------------------------------	-----

Bibliografia de Frei Betto.....	168
---------------------------------	-----



PARTE 1
QUESTÕES DA ESPIRITUALIDADE

Entre a cruz e o pão

A cruz é o símbolo católico do cristianismo. Segundo publicitários, a mais simples e genial logomarca já criada: dois pedaços de pau cruzados ou apenas dois riscos perpendiculares gravados na parede, ou ainda dois dedos colados, um na vertical, outro na horizontal.

Pena que a confissão religiosa que celebra a vida como dom maior de Deus adote como símbolo um instrumento de morte. Cruzes são encontradas nos cemitérios sobre tumbas. Não é o caso de Jesus, que deixou vazio o seu túmulo de pedra. Sua morte não é o fato central da fé cristã. O fato central é a sua ressurreição. Como diz Paulo, não houvesse Jesus ressuscitado, a nossa fé seria vã (1ª *Coríntios* 15,14).

Como simbolizar a ressurreição? Até hoje não conheço quem tenha se mostrado suficientemente criativo para consegui-lo. Há pinturas e imagens em que Jesus aparece revestido de um corpo glorioso, mas elas parecem evocar um homem saindo do banho...

Na Igreja primitiva, era o peixe o símbolo secreto de fé cristã, em referência ao batismo pela água. Assim como os peixes vivem nas profundezas do mar, dos rios e dos lagos, os cristãos, mergulhados nas catacumbas, onde foram encontradas várias pinturas de peixes, renasciam pela água batismal. Para santo Agostinho, Cristo é o peixe

vivo no abismo da mortalidade, como em águas profundas (*De Civitate Dei*, XVIII, 23). Além disso, peixe, em grego — *ichthys* — era considerado acróstico de *Iesus Christos Theou (H)yiios Soter* (Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador).

Foi a perseguição romana que induziu as comunidades a adotar a cruz, instrumento de suplício e morte do Império. Nela Jesus foi sacrificado. A mais antiga cruz que se conhece data do século IV e está gravada no portal da igreja de Santa Sabina, em Roma, no monte Aventino, anexa ao convento que abriga o governo geral da Ordem Dominicana.

Cessada a perseguição à Igreja, a cruz passou da clandestinidade para a centralidade nas torres dos templos. E, aos poucos, tornou-se o eixo do cristianismo. A ponto de a Via Sacra, antes da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, contar com apenas catorze estações. Encerrava-se com a morte no Calvário. Hoje, são quinze. A ressurreição de Jesus é o ponto culminante dessa forma de devoção cristã.

A predominância da cruz incutiu no catolicismo uma espiritualidade lúgubre. Padres e beatas vestiam-se de preto. O riso, a alegria, as cores, pareciam banidos da liturgia. Enfatizava-se mais a morte de Jesus pela redenção de nossos pecados e, de quebra, as penas do inferno, do que a sua ressurreição como vitória da vida, de Deus, sobre as forças da morte. Mais a dor que o amor.

Como simbolizar a ressurreição? Através de algo que expresse a vida. E não conheço melhor símbolo que o pão. Alimento universal, é encontrado em quase todos os povos ao longo da história, seja feito de trigo, milho, mandioca, centeio, cevada ou qualquer outro grão ou tubérculo. E tem uma propriedade especial: come-se todos os dias, sem enjoar.

“Eu sou o pão da vida”, definiu-se Jesus (*João* 6,48). Porque o pão representa todos os demais alimentos. E a vida, como fenômeno biológico, subsiste graças à comida e à bebida. São os únicos bens materiais que não podem faltar ao ser humano. Caso contrário, ele morre.

No entanto, é vergonhoso constatar que, hoje, segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), mais de 1 bilhão de pessoas vivem, no mundo, em estado de desnutrição crônica. Isso em países ditos cristãos, muçulmanos, budistas... Para que serve uma religião cujos fiéis não se sensibilizam com a fome alheia? Por que tanta indiferença diante dos povos famintos? O que significa adorar a Deus se ficamos de costas ao próximo que padece fome? (1ª João 3,17).

Jesus fez da partilha do pão e do vinho, da comida e da bebida, o sacramento central da comunidade de seus discípulos — a eucaristia. Ensinou que repartir o pão é partilhar Deus. Na Palestina do século I, havia miseráveis e famintos (*Mateus* 25,34-45; *Lucas* 6,21). Muitos empobreciam em decorrência da perda de suas terras, do peso das dívidas, dos tributos exigidos pelo poder romano, dos dízimos cobrados pelas autoridades religiosas. Diante disso, Jesus assumiu a causa dos pobres e promoveu um movimento indutor da partilha dos bens essenciais à vida (*Marcos* 6,30-44), em que o fio condutor é o alimento, em especial, o pão.

Desde o início de sua militância, a partilha do pão foi a marca de Jesus (*Lucas* 1,53; 6,21). A comensalidade era a expressão vivencial mais característica de sua espiritualidade, para a qual havia uma íntima relação entre o Pai (o amor de Deus e a Deus) e o pão (o amor ao próximo). Pai Nosso e pão nosso. Deus só pode ser aclamado como “Pai Nosso” se o pão não for só meu ou teu, mas nosso, de todos. É o que explica a ausência de preconceitos por parte de Jesus quando se tratava de sentar-se à mesa com pecadores e publicanos, ainda que isso lhe valesse a fama de “comilão e beerrão” (*Lucas* 7,34; 15, 2; *Mateus* 11,19).

Partilhar o pão era um gesto tão característico de Jesus que permitiu que os discípulos de Emaús o identificassem (*Lucas* 24,30-1). E a ceia tornou-se o sacramento por excelência da presença e da memória de Jesus (*Marcos* 14,22-4; 1ª *Coríntios* 11,23-5).

O pão — eis o símbolo (= aquilo que une) mais expressivo da prá-

tica de Jesus, a ponto de transubstanciá-lo em seu corpo. E todo pão que se oferece a um faminto tem caráter sacramental (*Mateus 25,34*). É ao próprio Jesus que se oferece.

Às vésperas de sua morte, Jesus antecipou-nos sua ressurreição ao dividir com seus discípulos, na ceia, o pão e o vinho. Ele se deu a nós. No gesto de justiça, ao partilhar o pão (significando todos os bens da vida) nós nos damos a ele. Eis o sentido evangélico da comunhão.

É o que retrata a parábola do filho pródigo, na qual o perdão é celebrado em torno da comida, o “novilho gordo” (*Lucas 15,11-32*); e os episódios do bom samaritano — o cuidado (*Lucas 10,29-37*); da mulher cananea — a cura (*Mateus 15,21-8*); do óbolo da viúva — o desapego (*Marcos 12,41-4*); da chicotada no Templo — a indignação diante da injustiça (*João 2,13-22*).

Pão: bem essencial à vida, dom maior de Deus, que se fez carne e se fez pão, o que levou Jesus a afirmar: “o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo” (*João 6,51*). Se já não temos, entre nós, a presença visível de Jesus, ao menos adotemos, como sinal de sua presença, isto que ele mesmo escolheu na última ceia: o pão. Sinal de que somos também seus discípulos, empenhados em tornar realidade para todos “o pão nosso de cada dia”, os bens que imprimem saúde, dignidade e felicidade à nossa existência.

O que é espiritualidade

O que é espiritualidade? Eis uma pergunta que me fiz a vida toda e ainda paira inquieta em meu coração. É como o nome de Deus, tão vulgarmente pronunciado por nós e, no entanto, impenetrável. Como é mesmo que ele se chama? Javé, Eloim, Adonai, Alá, Senhor? Ao conhecer uma pessoa, nossa primeira curiosidade é perguntar seu nome. A segunda, quem é, o que faz.

Segundo *Êxodo* 3,1-15, foi Javé quem tomou a iniciativa de ir ao encontro de Moisés, enquanto este apascentava o rebanho de Jetro, seu sogro. Antes de identificar-se pelo nome, Javé preferiu mostrar-lhe seu currículo: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”.

Numa cultura politeísta, não se tratava de um deus qualquer. Era um Deus que tinha história, e essa história abrange os patriarcas hebreus. Só em seguida Javé disse o nome: “Eu sou aquele que é”. Puro verbo, ação. Talvez seja isto a espiritualidade: o cerne do nosso ser, ser o que se é, para que não fique gravado na lápide de nossos túmulos o terrível aforismo cunhado por Fernando Pessoa: “Fui o que não sou”.

Se uma pessoa se apresenta pelo telefone, diz o nome e o que faz, fica-nos a expectativa de conhecer-lhe o rosto. É o que desejava

Moisés: ver a face de Deus. Gosto muito da resposta de Javé em *Êxodo* 33,19: “Farei passar diante de ti toda a minha beleza”, mas se recusa a mostrar-lhe a face. Creio que aqui está a chave da espiritualidade. A beleza é sempre atraente, sedutora, objeto de nossa incessante contemplação. Posso ficar extasiado diante de uma mulher bonita e, no entanto, ela ocultar de mim a sua “face”, ou seja, só saberei quem de fato é se falar-me, revelar-se, escancarar-me a sua mente e o seu coração. E essa é sempre uma experiência da subjetividade. As palavras moldam a nossa interioridade. Por isso, toda experiência estética é subjetiva. Por mais que uma mulher seja coroada Miss Universo como a mais bela do mundo, sua beleza não se compara à da mulher amada. Conhecer a face de Deus é deixar que Aquele “que é” seja em mim. Abrir o meu coração para que ele fale, não na retórica convencional de duas pessoas que conversam, mas na linguagem sugestiva, simbólica, tecida em pausas de silêncio empregada pelos amantes. Isso é a beleza.

A espiritualidade constitui o fundamento, a base, a motivação de nossa vida interior, subjetiva. Dentro do cristianismo, existem várias famílias espirituais: pentecostal, carismática, militante... No catolicismo, temos as espiritualidades dominicana, beneditina, franciscana, jesuítica, das filhas de Maria, dos congregados marianos, enfim, uma enorme variedade de tradições ou motivações espirituais, nas quais cada um busca as suas referências. É o poço onde cada um de nós se abastece na vida espiritual.

A espiritualidade é o nosso verdadeiro eu, que muitas vezes não conseguimos vivenciar. Esse eu, na verdade, é um Outro Eu que está sempre a apontar o rumo certo de nossas vidas. Santo Tomás de Aquino dizia que, quanto mais penetro minha interioridade em busca de mim mesmo, mais encontro um Outro que não sou eu, mas é ele quem revela o meu verdadeiro eu. Esse Outro é terno e eterno. Talvez seja essa uma das razões pelas quais, às vezes, fugimos da oração, com medo de olhar cara a cara o nosso verdadeiro eu. Pois, quando o encontramos, sabemos que é hora de mudar o rumo da vida.

Não se penetra a beleza de Deus impunemente. Antes de passar diante de Moisés, Javé preveniu-o de que haveria de cobrir-lhe os olhos com a palma da mão “até que eu tenha passado. Depois tirarei a palma da mão e me verás pelas costas. Minha face, porém, não se pode ver” (*Êxodo* 33,22-3).

O profeta Elias “cobriu o rosto com o manto” ao sair da gruta ao encontro de Javé (*1º Reis* 19,13). No evangelho de *Mateus* (17,1-13), Jesus, ao transfigurar-se, “o seu rosto resplandeceu como o sol e as suas vestes tornaram-se alvas como a luz”. Pedro, Tiago e João, que haviam subido com ele o monte Tabor, viram-no conversando com Moisés e Elias. Pedro sugeriu armar ali uma tenda para os três, quando “uma nuvem luminosa os cobriu” e a voz de Deus se fez ouvir. “Os discípulos, ao ouvirem a voz, muito assustados caíram com o rosto no chão.” Jesus se aproximou deles, mandou que se levantassem sem medo. É curioso como *Mateus* encerra o relato: “Erguendo os olhos, não viram ninguém: Jesus estava sozinho”. Não viram Deus, nem Moisés e Elias, que tinham desaparecido. Mas viram alguém: Jesus. Para o evangelista, Jesus era a face visível de Deus. “Aquele que é” ali estava, o Verbo feito carne. E, diante de Jesus, não se trata de cobrir o rosto, mas de mudar a rota da vida.

A palavra “conversão” é uma categoria de trânsito. Eu vinha por aqui e, agora, devo tomar aquele outro rumo. É disso que a oração faz ter consciência. Mas, muitas vezes, deixamos de orar para evitar essa consciência e a exigência de mudança de vida.

Qual deve ser a nossa espiritualidade? Há muitas outras tradições religiosas: muçulmanas, judaicas, budistas, tradições africanas como candomblé, indígenas como o santo Daime. Cada fiel encontra referências dentro de sua tradição. Mas, no universo dos cristãos, entre tantas espiritualidades, o melhor é ficar com a de Jesus. Qual era a espiritualidade de Jesus? Eis uma pergunta que me acompanha a vida toda. Não estou seguro de ter encontrado a resposta. Ouso, sim, esboçar *uma* resposta.

Jesus tinha fé como nós. Tenho encontrado amigos que, ainda

por influência de uma catequese equivocada, imaginam que Jesus era homem por fora e Deus por dentro, e que a consciência dele permanecia diretamente conectada com Deus Pai. Isso é pura mitologia! Prova de que Jesus tinha fé é que ele teve crise de fé: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (*Mateus 27,46*).

Quantas vezes não nos sentimos abandonados por Deus! Há momentos em que ele faz um silêncio insuportável! Foi assim para muitos judeus e cristãos abalados em sua fé enquanto os fornos crematórios dos campos de concentração consumiam as vítimas do nazismo. Assim também me ocorreu poucos meses antes de ingressar no noviciado dos dominicanos. O Deus que despertara em mim a vocação religiosa e me fizera abandonar a faculdade e a militância estudantil para entrar em um convento, de repente silenciara. Na obscuridade da noite que se fez em meu espírito, como Jacó, lutei com o anjo “até surgir a aurora” (*Gênesis 32,25-30*). Foram pelo menos sete meses de profunda angústia. Como um mosaico que se desfaz, restaram-me fragmentos de fé e muitas, muitas dúvidas, que me conduziram à descrença. O mestre de noviços, frei Henrique Marques da Silva, recomendou-me a leitura das obras de santa Teresa de Ávila, que me resgataram de uma religiosidade sociológica para uma fé teológica. Deus deixou de ser para mim um conceito para tornar-se uma experiência de amor.

A comprovação de que Jesus tinha fé como nós temos é que ele dedicava longas horas do dia à oração. Quem tem a visão direta de Deus não precisa orar. Só o faz quem se sente impelido a aprofundar a sua relação de intimidade com Deus.

Lucas registra com acuidade os momentos de oração de Jesus: “Ele, porém, permanecia retirado em lugares desertos e orava” (5,16); “naqueles dias, ele foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus” (6,12); “certo dia, ele orava em particular” (9,18); “ele subiu a montanha para orar” (9,28).

A oração é para o cristão o que a relação sexual é para o casal que se ama. O casal que se ama e não tem momentos de intimidade é como o cristão que diz que ama a Deus e ao próximo, mas não reserva

momentos de intimidade com Deus. Esses momentos chamam-se oração.

Lucas observa que “Jesus se levantou muito cedo e foi a um lugar deserto para orar” (4,42) ou que “subiu ao monte e passou a noite toda em oração” (6,12). Quem de nós passa “a noite toda em oração”? Nós, filhos da modernidade, ao contrário dos povos indígenas, somos escravos do tempo. Trazemos no pulso as algemas do tempo, dividido em horas, minutos e segundos. Não sabemos “perder” tempo com Deus. Cada vez mais oramos menos. Perdemos a dimensão da gratuidade do amor de Deus.

Imagine os pais dizerem à filha enamorada: “Ontem você ficou muito tempo com seu namorado. Por que ficou namorando por tantas horas?”. Onde há amor, o tempo é estorvo. O sonho dos amantes é fazer os ponteiros do relógio pararem no infinito. No entanto, não fazemos isso com Deus. Nós, escravos do tempo, não sabemos dispor sequer de poucos minutos para desfrutar da experiência amorosa de Deus. Falamos de Deus, falamos sobre Deus, rogamos a Deus, suplicamos a Deus... mas não deixamos Deus falar em nós.

Um dos maiores desafios da vida espiritual é reservar, em nosso dia a dia, alguns momentos para curtir o amor de Deus, assim como encontramos um tempo para comer e dormir. Sim, sei muito bem que essas duas coisas situam-se na esfera da necessidade, enquanto “namorar” Deus pertence à esfera da gratuidade.

Nossa cultura ensina que tempo é dinheiro. Só se gasta tempo com aquilo que vai ter proveito imediato e palpável. Daí a dificuldade de abrir, em nossas vidas, espaço para a oração.

Não há dificuldade de abrir espaço para a relação amorosa, sobretudo quando ela irrompe como paixão. A pessoa mais ocupada do mundo haverá de encontrar tempo para o ser amado, ainda que obrigada a sacrificar o sono e a agenda de trabalho. Claro, nesse caso há um “retorno”, o sentir-se amado. Sente-se que a relação custo/benefício é positiva. Em se tratando da relação com Deus, as coisas são um tanto diferentes. E onde reside essa diferença? É que Deus é

ciumento e, portanto, exige que, primeiro, abandonemos os antigos “amores”, ou seja, tantos apegos e supostos valores que nos impedem de estar próximos dele. Sem tais renúncias, nosso espírito permanece opaco à sua presença. Ele exige, como todo amante, exclusividade. Porém, ao contrário dos amantes, não nos quer só para ele. Faz do amor que tem a nós fonte transbordante de amor à natureza e aos outros. Isso se chama felicidade.

Por que orar? Para dilatar o coração e ser capaz de amar assim como Jesus amava. O contrário do medo não é a coragem, é a fé, essa planta que, para vicejar, exige água (a oração) e sol (o Transcendente). Sem regar, a planta morre calcinada.

Essa apreensão amorosa do Transcendente faz desaparecer a ideia de um Ser castigador e repressor. O temor abre espaço ao amor. Deus passa a ser apreendido, como dizia o papa João Paulo I, “mais como Mãe do que como Pai”.

Os místicos de todas as religiões e correntes espirituais ensinam que a oração é como a relação entre duas pessoas que se amam: do flerte, repleto de indagações e fascínio, nasce a proximidade. O namoro é feito de preces, pedidos e louvores. O noivado favorece a intimidade de quem se abre inteiro à presença do outro. Vira os amados pelo avesso. As palavras já não são necessárias. O silêncio plenifica. Enfim, as núpcias, essa simbiose que levou o apóstolo Paulo a exclamar: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”. Eis a paixão inelutável, a gravidez do espírito, o vazio de si repleto de Totalidade.

A fé nos revela que o divino se derrama apaixonadamente sobre cada um de nós. Se ele deixasse de amar, deixaria de ser Deus. É a pessoa que, na sua liberdade, se abre mais ou menos à sua presença amorosa.

A sadia experiência da fé nada tem de fuga do mundo ou do narcisismo espiritualista de quem faz da religião mero antídoto para angústias individuais. Nela articulam-se contemplação e serviço ao próximo, oração e vida, alegria e justiça.

Jesus, paradigma na experiência da fé, convida a todos que o en-

contram a fazer de Deus o seu caso de amor. E avisa: os novos tempos não surgem na virada dos séculos ou dos milênios, mas no coração que se converte, muda de rumo, e descobre que o próximo e o mundo são moradas divinas.

Orar é entrar em sintonia com Deus. Há muitas maneiras de fazê-lo, e não se pode dizer que esta é melhor que aquela. Há orações individuais ou coletivas, baseadas em fórmulas ou espontâneas, cantadas ou recitadas. Os salmos, por exemplo, são orações poéticas, das quais cerca de cem expressam lamentação e/ou denúncia, e cinquenta, louvor.

Nós, ocidentais, temos dificuldade de orar, devido ao nosso racionalismo. Em geral, ficamos na soleira da porta, entregues à oração que se apoia nos sentidos (uma música, uma dança, a observação de paisagens e vitrais etc.) ou na razão (leituras, reflexões, fórmulas etc.).

Orar é entrar em relação de amor. Jesus sugeriu não multiplicar as palavras. Deus conhece os nossos anseios e necessidades. Na oração, é preciso entregar-se e deixar que ele ore em nós. Se temos resistência à oração é porque, muitas vezes, tememos a exigência de conversão que ela encerra. Parar diante de Deus é parar diante de si mesmo. Como num espelho, ao orar vemos o nosso verdadeiro perfil — dobras do egoísmo realçadas, mágoas acumuladas, inveja entranhada, apegos enrijecidos. Daí a tendência a não orar ou fazer orações que não revirem ao avesso a nossa subjetividade.

Os místicos, mestres da oração, sugerem aprendermos a meditar. Esvaziar a mente de todas as fantasias e ideias, e deixar fluir o sopro do Espírito no silêncio do coração. É um exercício cujo método a literatura mística ensina. Mas é preciso, como Jesus, reservar tempo para isso.

Oramos para aprender a amar como Jesus amava. Só a força do Espírito dilata o coração. Portanto, uma vida de oração se avalia, não pelos momentos entregues a ela, e sim pelos frutos na vida cotidiana: os valores elencados como bem-aventuranças no Sermão da Montanha (*Mateus* 5,1-12). Ou seja, pureza de coração, desprendimento, fome de justiça, compaixão, destemor nas perseguições etc.

Orar é deixar-se amar por Deus. É deixar o silêncio de Deus ressoar em nosso espírito. É permitir que faça morada em nós. Sem cair no farisaísmo de achar que a minha oração é melhor do que a sua, como aquele fariseu diante do publicano (*Lucas 18,9-14*). Quem ora procura agir como Jesus agiria. Sem temer os conflitos decorrentes de atitudes que contradizem os antivalores da sociedade consumista e individualista em que vivemos.

Orar é subverter-se a si próprio. Centrado em Deus, o orante descentra-se nos outros, e imprime à sua vida a felicidade de amar porque se sabe amado. Parafraseando Jó, antes de orar se conhece a Deus “por ouvir falar”. Depois, por experimentar. O que levou Jung a exclamar: “Eu não creio. Eu sei”.